

Em Longa (Tabuaço), uma curiosa inscrição!

Situa-se no Largo da Praça, a escassos metros do pelourinho, na povoação de Longa, concelho de Tabuaço, um fontanário alimentado por uma nascente (Fig. 1). Estava dantes noutra largo, a poucos metros de distância, mas não é essa deslocação que merece reparo de maior. O que, naturalmente, mais prende a atenção é a placa com uma inscrição que foi encastrada no muro de suporte, do lado esquerdo de quem olha. Isto porque – além de as letras estarem quase sumidas, mal se lêem, dá mesmo a impressão de que o texto não se encontra redigido em língua portuguesa.

De granito de grão médio, a placa mede 38 x 75 cm e a inscrição está gravada dentro de uma cartela, que mede 31 x 68 cm. Chamam logo a atenção as letras da primeira linha, que são de módulo maior que as demais: medem entre 4,5 e 5 cm de altura.

Em <https://www.municipiosefreguesias.pt/municipio/246/99/locais-a-visitar-em-tabuaco>, sugere-se uma passagem pelo fontanário, descreve-se o seu envolvimento, dá-se da lápide uma leitura aproximada e considera-se que a «tradução desvenda a recomendação da água que, de graça, jorra dessa fonte para satisfação dos viandantes». O mesmo acontecera, aliás, com João Gonçalves Monteiro que, na página 424 da monografia *Tabuaço*, publicada, em 1991, pela Câmara Municipal, a ela se refere também, sem, no entanto, interpretar o letreiro.

Tanto no referido portal nacional dos municípios e freguesias como na passagem de Gonçalves Monteiro, o que despertou a atenção, como se disse, foi a expressão da primeira linha: SISTE, VIATOR! Trata-se, de facto, de uma frase bastante conhecida de quem lida com estas questões epigráficas. Era comum, por exemplo, nos epitáfios romanos, em que – segundo a crença de então – se poderia pôr o defunto a falar, ou se supunha essa hipótese, e se colocava, por isso, na sua boca, o convite a que o passante não tivesse pressa, parasse para ler o nome de quem estava ali sepultado e, no final, expressasse o voto, amiúde indicado em siglas, *sit tibi terra levis!*, «Que a terra te seja leve!». Aliás, esse costume acabaria por continuar em época cristã, quando – através das siglas P. N. A. M. – se pede ao transeunte que reze um padre-nosso e uma ave-maria por alma de quem ali repousa eternamente.

Não havia, porém, nesse contexto de fontanário, motivo para diálogo entre vivos e mortos e, por conseguinte, a frase em continuação deveria situar-se num outro campo, quiçá um voto, porventura uma informação sobre a qualidade da água ou, até, como havia seguramente uma data no final, a perpetuação na pedra da entidade ou pessoa que, um

dia, decidira para ali canalizar a água da nascente, proporcionando-a a quem passasse e se dessedentasse se quisesse, mormente em meio de tardes calorosas...

A erosão fizera das suas, as pernas das letras quase se confundiam com os veios do granito... como fazer para desvendar o mistério da mensagem? Os raios do Sol provavelmente nunca bateriam ali em diagonal para realçar o sulco dos caracteres... O epigrafista sabe, hoje, porém, como, através do processo dicromático, consegue tornar esses sulcos mais visíveis. Espalha-se o pó branco (chamemos-lhe assim) pela superfície e, com uma escova vai-se limpando a superfície ao de leve, de modo que o pó fique apenas nos sulcos. Assim se fez – e o resultado está à vista na figura 2.

Pudemos assim ler o que lá estava escrito em latim:

SISTE VIATOR
ET BIBE SATIS
DAT NATVRA AVCTO
TIBI AQVAM GRATIS
MDCCCXXXV

O que, em tradução não inteiramente à letra, quer dizer o seguinte:

«Pára, viandante, e bebe o bastante. Que a Natureza te dá abundante água grátis! 1835».

Apetecer-nos-ia ser mais livres a traduzir a linha 2: «E sacia a tua sede!» - que, na verdade, é isso o que se pretende dizer.

«Siste» é o imperativo do verbo ‘sistere’ (leia-se sístere), que significa ‘parar’; «bibe» é o imperativo do verbo ‘bíbere’ (leia-se bíbere), «bebe». ‘Aucto’, por seu turno, é o termo que mais pode estranhar, porque se apresenta com função adverbial ou, se se preferir, no ablativo, que é o caso latino que indica as circunstâncias. Em latim, temos duas palavras donde – por via popular – esta forma poderá ter derivado: de «auctum», que significa ‘aumento’, ou de ‘auctus’, que detém a mesma significação. Por esse motivo, embora não à letra, como se disse, preferimos usar o adjectivo «abundante», por mais se coadunar com a ideia que, algures num dia do ano de 1835, alguém quis transmitir; este manancial, amigo, é abundante e um dom da Natureza, aproveita-o!...

Mensagem, sem dúvida, plena de significado e que, de certo modo, obriga a pensar. Que a paragem, afinal, não servirá apenas para dessedentar boca sequiosa mas

também para incutir em quem bebe um sentimento de gratidão pelo benefício que lhe está a ser concedido.

E porquê em latim, perguntar-se-á, se, na época, a população até seria, na sua maior parte, virgem de letras, mal perceberia o português escrito quanto mais uma frase em mui selecto latim?!...

Primeira metade do século XIX. Procurava-se fazer reviver o que o renomado Império Romano à Europa havia legado. O neoclassicismo! Poder-se-ia lá perder a ocasião de mandar lavrar nessa vetusta língua um mote de tamanha eloquência e tão prenhe de significado sublime? Não podia! E assim se fez!

Em 1835 houve, decerto, por estas paragens beirãs, algumas alterações sociopolíticas, patentes, inclusive, no facto de não haver certezas quanto à categoria administrativa que Longa teria então, na medida em que, segundo uns, fora concelho até 1834, data em que teria passado a ser freguesia concelho de São Cosmado, extinto, por sua vez, a 24 de Outubro de 1855; segundo outros, Longa foi sede de concelho até 1836.

Resta agora ir aos escaninhos dos arquivos para – quem sabe? – se descobrir, um dia, se de sacerdote culto ou de investigador sagaz brotou o letreiro motivador!...

*José d'Encarnação
José Carlos Santos*

Publicado em *Terras do Demo* (Moimenta da Beira) nº 464, 24 de Maio de 2021, p. 4, com o título «Na aldeia de Longa encontramos uma curiosa inscrição!»



Fig. 1



Fig. 2